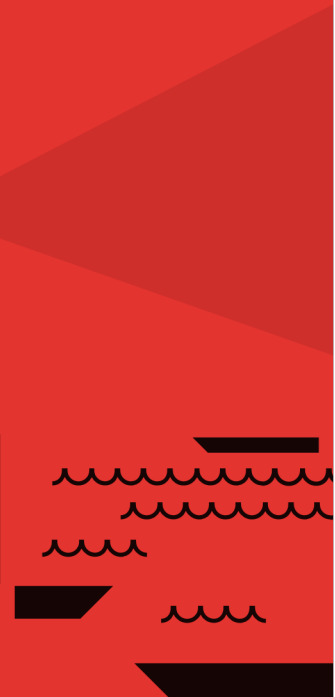


**CON
FIA**

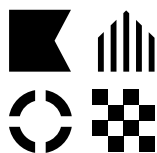
2018

INTERNATIONAL
CONFERENCE ON
ILLUSTRATION
& ANIMATION



CON 
FIA 
2018 
INTERNATIONAL 
CONFERENCE ON
ILLUSTRATION 
& ANIMATION

Publisher / Editor: Instituto Politécnico do Cávado e do Ave
Address / Morada: Vila Frescaíña, S. Martinho,
4750-810 Barcelos, Portugal
July / Julho 2018
ISBN: 978-989-99861-6-9
6th International Conference on Illustration and Animation
6 ed. Conferência Internacional em Ilustração e Animação
Editorial Design / Design editorial · Cláudio Ferreira
Pagination / Paginação · Manuel Albino
Cover Design / Design da Capa · Jorge Marques



«Pois que Ouvir com o Olhar é o Engenho Maior»: da Ilustração como Acolhimento no Livro-Álbum

Dulce Melão¹

dulcemelao@esev.ipv.pt

[Ilustração / Illustration]

Keywords

Illustration; picturebook;
nurturing; children's
literature; literacies.

Abstract

In the picturebook, whose expansion in the Portuguese publishing market has perhaps given even a wider breath to children's literature, illustration has become a focus of particular attention, gaining greater prominence and contributing to the complex delight of «hear with eyes», as echoed in Shakespeare's sonnet. In this paper, having as corpus of analysis two picturebooks, *The Sleeping Grandmother* (2015), by Roberto Parmegiani, with illustrations by João Vaz de Carvalho, and *The Heart and the Bottle* (2010), by Oliver Jeffers, we reflect upon: i) the role of illustration as a privileged place for «nurturing» readers, initiating and promoting ways of dialoguing with the loss of loved ones, intertwined with affections; ii) the complicities generated between text and illustration as means of promoting the consolidation of caring and care through the ample reconstruction of meanings that grow to the measure of the readers' gaze when it rests on the page; iii) the contribution of the peritext(s) as a pretext(s) for sharing the pleasure of reading. We conclude that illustration, in these two picturebooks can be a fundamental element for the promotion of children's welfare, helping them to understand the loss as a path that opens to a panoply of affections that, when shared, make it possible for the readers to rebuild «shelters» in the heart.

1. Introdução

É consensual a relevância crescente da ilustração no âmbito do livro-álbum para a infância [1] [2], independentemente da classificação tipológica adotada, no que respeita a este tipo de livro, pautado por uma hibridez que lhe confere maior versatilidade, quer no respeitante a práticas de literacia familiar, quer no âmbito da leitura partilhada, em distintos contextos educativos, formais e não formais. Assim, é reconhecida a sua importância relativamente ao desenvolvimento da literacia emergente [3], bem como o seu contributo no âmbito da promoção da literacia visual [4], cada vez mais valorizada na nossa sociedade.

No estudo que dedica à ilustração de livros de literatura infanto-juvenil na primeira década do século XXI, Sotto Mayor (2016) aponta como tendência inerente à definição do livro-álbum a presença «eminentemente significativa e indispensável da ilustração» [5], considerando o contexto pictórico como promotor e facilitador da colaboração

¹ Escola Superior de Educação de Viseu, Instituto Politécnico de Viseu, Departamento de Ciências da Linguagem, Rua Maximiano Aragão, Viseu, Portugal.

dos leitores na reconstrução do manto plurissignificativo que resulta do diálogo texto-imagem. Entendendo-se, como frisa Ramos (2010), que a ilustração «(...) condiciona a relação do leitor com o texto e com o seu próprio olhar» [6], são-lhe igualmente atribuídas múltiplas funções que possibilitam inferir a valorização da relevância de tal componente visual. Numa breve síntese resultante dos contributos de Colomer (2005) [7] e de Ramos (2010) [8], destacamos as seguintes: i) substituição do texto e preenchimento das suas lacunas, promovendo a sua interpretação, a nível macro, bem como a redescoberta de significados outros que dela emergem; ii) mediação do discurso verbal, apoiando a descodificação dos múltiplos sentidos do texto; iii) complemento do texto; iv) aprofundamento do texto (quer através da ampliação da história, quer contribuindo para tornar o enredo mais complexo; v) encantamento dos leitores e incremento das suas expectativas de leitura.

Nodelman (1988) [9] [10] sublinha, por seu turno, o carácter fundamental de que se reveste a ilustração no livro-álbum, permitindo aos leitores (re)colher detalhes imprescindíveis à compreensão na leitura, (constituindo, muitas vezes, a sua maior fonte de prazer), ao propiciar formas inusitadas e multifacetadas de aceder a informação que o texto (apenas) indicia. Como frisa Lewis (2001) [11], no livro-álbum «(...) the words on their own are always partial, incomplete, unfinished, awaiting the flesh of the pictures. Similarly, the pictures are perpetually pregnant with potential narrative meaning, indeterminate, unfinished, waiting the closure provided by the words». Sipe (2012) [12] corrobora a necessidade de encarar o livro-álbum como um todo, propondo que tal encontre eco no conceito de «sinergia», implicando que ilustração e texto se (re)encontram num processo simbiótico tecido de interações mútuas, interpelando-se, em permanência (e de forma dinâmica). Na esteira de tal sinergia (que desassossega, positivamente, os leitores), a leitura do livro-álbum reconstrói-se através do que Rodríguez (2014) [13], na senda de Nodelman (1988) [14], designa «elementos cinematográficos» (por exemplo, sequências, enquadramentos, planos, ângulos) que promovem, em seu entender, um «jogo comunicativo» primordial com os «elementos materiais» (capa, contracapa, guardas, entre outros), os «elementos de desenho gráfico» (por exemplo, a dupla página, os aspetos tipográficos), os «elementos da imagem» (a cor, a perspetiva, a luz, a textura, etc.) e «os «elementos narrativos» (personagens, enredo, espaço, tempo, por exemplo).

Como bem resume Pascolati (2017), «A ilustração é o modo do ilustrador revelar, em consonância com o texto do autor, sua visão do mundo, mas nessa construção há sempre lugar para a interação do leitor, que integra ao livro a sua própria visão de mundo» [14], repetidamente, ao abrigo de tal singularidade. No livro-álbum, no âmbito do processo de releitura, «The reader turns from verbal to visual and back again, in an ever-expanding concatenation of understanding» [15], pelo carácter único da sua reconhecida complexidade e sofisticação enquanto objeto estético [16] que se vai metamorfoseando, de forma generosa, aos olhos dos leitores, eternos curiosos que se deixam afagar e embalar nos ritmos que vão iluminando as páginas.

Face ao referido, nesta reflexão, tendo como *corpus* de análise dois livros-álbum, *A Avó Adormecida* (2015), de Roberto Parmeggiani [17], com ilustrações de João Vaz de Carvalho, e *O Coração e a Garrafa* (2010), de Oliver Jeffers [18], procuramos indagar: i) o papel da ilustração enquanto lugar privilegiado de acolhimento dos leitores, encetando e promovendo formas de dialogar com a perda de entes queridos, entretecendo-a de afetos; ii) o modo como as cumplicidades geradas entre texto e ilustração, promovem a consolidação do cuidar e do cuidado através da reconstrução ampla de sentidos que crescem à medida do olhar dos leitores, quando repousa na página; iii) o contributo do(s) peritexto(s) como pretexto(s) para a partilha do prazer de ler.

2. Percursos de leitura

Nesta seção apresentamos uma proposta de percursos de leitura no âmbito dos quais a ilustração é entendida enquanto elo fundamental na relação que os leitores estabelecem com a narrativa, num processo de reciprocidade alimentado por uma multiplicidade de detalhes que contribuem para redimensionamentos do afeto e do acolhimento.

2.1. A Avó Adormecida – do Abraço Onde Cabe Todo o Amor

A Avó Adormecida (2015) [19], da autoria de Roberto Parmeggiani com ilustrações de João Vaz de Carvalho, integra a coleção «Livros para Sonhar», da Kalandraka Editora, coleção caracterizada por elevada qualidade estética, oferecendo múltiplos e diversificados itinerários de leitura. Este livro-álbum é recomendado pelo Plano Nacional de Leitura (PNL) no âmbito de «Apoio a projetos/Educação para a Cidadania, 3.º, 4.º, 5.º e 6.º anos de escolaridade», tendo recebido, em Itália, o «Premio Letterario Anna Osti Edizione» (2013), no âmbito da «Sezioni narrativa per l'infanzia».

O título do livro remete, desde logo, para o estabelecimento de uma relação intertextual com a «A Bela Adormecida», recuperando reencantamentos da infância e fazendo, porventura, germinar memórias saborosas de leituras partilhadas. Mas o que mais sobressai na capa, expandindo o(s) significado(s) de tal título, é o protagonismo visual atribuído à avó adormecida, cujo sorriso amplia a ternura que acolhe os leitores e cuja doçura é reforçada pelo cabelo da avó, lembrando o algodão-doce.

Se as guardas iniciais do livro-álbum resguardam papagaios de papel que podem, também, abrigar memórias da infância, importa destacar a dedicatória que antecipa a página de rosto: «A todas as avós que esquecem. / A todos os netos, para que recordem. / À minha avó, que fazia pão e me levava até ao mar.». Um banco de jardim, onde repousa um pássaro, corrobora a ausência e a perda celebrada em tal dedicatória, ao mesmo tempo que abre espaço ao diálogo sobre as mesmas, revelando particular cuidado do autor e do ilustrador. Tal cuidado é redobrado pela opção, em exclusivo, pela dupla página, ao longo do livro-álbum, o que possibilita não só uma amplificação dos espaços retratados (quer os interiores, como o quarto da avó), quer os exteriores (como o jardim ou o parque), como permite destacar a evolução da doença da avó e os momentos de enorme afeto gerados na interação com o neto.

A narrativa inicia-se com o sono tranquilo da avó, silêncio que se demarca numa ampla ilustração em que sobressai a fixidez do olhar do neto, misto de admiração e de alguma tristeza, explicitadas através do recurso à expansão frásica, que as acentua: «A minha avó dorme. / A minha avó dorme o dia todo. / A minha avó dorme o dia todo, desde há um mês». Tal recurso encontra paralelismo duas páginas adiante, numa belíssima ilustração retratando a avó (sorrindo enquanto dorme, sob o olhar atento do neto), tendo como pano de fundo um navio e a imensidão do mar, em harmoniosa articulação com o texto apresentado, que corrobora a sua relevância: «A minha avó talvez sonhe. / A minha avó talvez sonhe com coisas de que gosta. / A minha avó talvez sonhe com o mar, com limonada, pão e papagaios de papel».

Para a descrição do rol de «coisas um pouco estranhas» que a avó andava a fazer, a ilustração ganha tons sóbrios, sendo a sala e o jardim espaços que resguardam o espanto do menino e dos seus pais perante os comportamentos inusitados da primeira (por exemplo, arrancar flores no jardim para fazer sopa ou vestir-se a preceito para dançar uma valsa, a sós, na cozinha).

É, porém, na partilha de afetos entre avó e neto que o acolhimento ganha particular fôlego, funcionando a ilustração como espaço privilegiado onde tais afetos pululam, quer por deliciosamente retratar momentos de leitura partilhada, quer por fazer eco da imensa alegria e da incomparável doçura com que se reconstroem memórias do lanche e das idas aos quiosques para comprar cromos. O reparo «Abraçava-me a toda a hora, e eu desaparecia no seu amor» articula-se de forma poética e superiormente bela com o protagonismo visual do abraço entre avó e neto, refletindo um amor que cresce – se possível – ainda mais através do contraste de tamanho entre as personagens, avó e neto.

Ampliando, sobremaneira, o quarto onde a avó dorme, a dupla página revela-se, vezes sem conta, espaço cúmplice da ilustração para estabelecer um forte pacto de afetos com os leitores, num acolhimento sem par, por permitir reforçar a importância dos elos indeléveis entre avó e neto – ela, agigantando-se em tranquilidade e em bem-estar; ele, olhando-a fixamente, retribuindo-lhe o sorriso que os leitores também recebem.

Os cuidados do neto são igualmente corroborados através do surgimento de um novo objeto no quarto, uma cadeira com o desenho de um pequeno coração, na qual o menino se senta, todas as tardes, para ler à sua avó o seu livro favorito, retribuindo-lhe o carinho recebido e fazendo perdurar a sua união.

As consequências da perda da avó (justificadas pelo aparecimento de um príncipe encantado que lhe dá um beijo e a desperta, para depois partirem juntos) são reforçadas pelo vazio imenso que sobra e ecoa no quarto, sublinhado não só através do protagonismo visual de uma cama vazia onde a avó «já não sonha mais», mas também pela presença do menino, cuja vulnerabilidade cresce através do contraste estabelecido com o espaço em que se insere. Da presença/ausência sentidas alimenta-se o vazio, transbordando para os leitores.

Como frisa Ondjaki [20] «Um só olhar / pode ser uma voz não dita»; é o que sucede no fecho desta narrativa, quando uma noite estrelada invade e transborda da dupla página, sugerindo que talvez nesse céu iluminado o neto busque a avó, embalada em doces sonhos. Os leitores, aconchegados nas estrelas, escutarão, porventura, no olhar do menino, que a perda também pode ser domicílio do amor, o acolhimento maior.

2.2. O Coração e a Garrafa – da Redescoberta de Mundos

A protagonista de *O Coração e a Garrafa* (2010) [21], de Oliver Jeffers, é uma menina que «queria saber tudo / o que havia para saber / acerca do mundo», sendo a sua curiosidade insaciável alimentada por uma figura masculina mais velha (pai/avô), até ao seu desaparecimento. O vazio instalado leva a menina a guardar o coração num sítio seguro – uma garrafa – solução que, ao longo do tempo, se revela (inesperadamente) precária. O livro venceu o *British Book Design and Production Awards* (2010) na categoria *Children's Track* e, à semelhança de outros livros-álbum de Oliver Jeffers, promove uma relação intrínseca entre imagem e texto que exige a interação ativa dos leitores e os convida à leitura partilhada em contexto escolar e extraescolar (embora no PNL seja recomendado para leitura autónoma – 2.º ano de escolaridade).

Como sublinha Mia Couto [22], «A infância é quando ainda não é demasiado tarde. É quando estamos disponíveis para nos surpreendermos, para nos deixarmos encantar». Tal é, porventura, a missão deste livro-álbum, desde a capa e da lombada. Na capa, uma garrafa de dimensões generosas dá abrigo ao título da obra, apontando para o destaque que assumirá o coração, valorização muito bem conseguida quer através da escolha de um tamanho e tipo de letra que se diferenciam, quer através do contraste entre a garrafa e a menina cuja vulnerabilidade é acentuada por lhe dar amparo. Na lombada, uma pequena garrafa encapsula o nome da editora «Orfeu Negro», aspeto reiterado na página de rosto. As guardas iniciais e finais deste livro-álbum mereceram, igualmente, particular cuidado por parte do autor que assim cuida dos leitores: no primeiro caso, pela multiplicação de afetos espelhada no conjunto de imagens que retratam, reiteradamente, momentos de partilha de cumplicidades do quotidiano entre o pai/o avô e a menina; no segundo caso por oferecerem ao leitor um pequeno mapa da anatomia do coração, expondo-o no seu aparente despojamento de afetos, ao mesmo tempo que lhe é concedida centralidade.

À semelhança do livro-álbum no qual focamos a nossa atenção anteriormente, também neste caso a dupla página convida os leitores a mobilizar toda a sua atenção em detalhes que proporcionam formas de escutar e de sentir com o olhar. Tal sucede na abertura da narrativa em que a opção pela generosa representação do espaço onde predomina o azul-turquesa contrasta com a vulnerabilidade da menina, olhando atentamente uma pequena flor, sob o olhar vigilante do pai/do avô.

A ilustração também acolhe mundos, iluminando, talvez, todos os que a menina quer avidamente descobrir e que, a partir da partilha da

leitura de um livro, se vão destacando através da opção por diferentes vinhetas (percorrendo, por exemplo, o sistema solar, e proporcionando o encontro com uma baleia azul) que fazem eco do diálogo estabelecido com o pai/o avô. Pequenos detalhes da sala onde tal diálogo tem lugar – como uma jarra com flores em cima de uma mesa com uma toalha aos quadrados e uma estante com muitos livros – contribuem para um acolhimento particularmente afetuoso dos leitores, implicando-os no bem-estar sentido e criando-lhes, adicionalmente, expectativas, sobre «tudo o que havia para saber acerca do mundo». Como salienta Mendelsund, «É exatamente o que o texto não esclarece que se torna um convite à nossa imaginação» [23].

Nos fragmentos de texto que parecem quase à deriva na imensidão de macro espaços como o céu - «Intrigada com as estrelas» - e o mar - «Fascinada pelo mar» - é corroborada a relevância da partilha dos momentos com a figura masculina, tomando os leitores parte ativa em tal processo, no âmbito do qual afeto e redescoberta se conciliam de forma muito bela.

O momento da perda do pai/do avô é apresentado de modo delicado e intenso, através da opção por duas páginas simples em que é assinalada a representação do fluir temporal (vincando a passagem do dia para a noite, como que suspendendo um tempo sem tempo), sendo o contraste luz/sombra particularmente eficaz para aproximar os leitores do sentimento de perda vivenciado pela menina. Apresentada, primeiro, em pé, olhando o vazio representado por «uma cadeira vazia», perdendo-se no fundo branco da página e, num compromisso de continuidade com a página seguinte, já sentada no chão, albergando o peso da espera, (como que abandonada no vazio maior que a noite que a envolveu acentua), a menina condensa em si perdas outras que os leitores poderão sentir como suas, potenciando a sua delicada compreensão, pois, acompanhando Ondjaki, «Há coisas que entram pelos nossos olhos e chegam aos nossos corações sem palavras de explicação» [24].

Que «nada voltou a ser como era» é corroborado quer pela opção pela representação diminuta de espaços que antes tinham grande amplitude – como o céu e o mar, reforçando que a menina se esquecera das estrelas e deixara de olhar o mar – quer pela apresentação, posterior, de pequenas rotinas do quotidiano (como almoçar e lavar a loiça) em que se envolve, numa fase mais adulta, em claro contraste com a partilha das «coisas do mundo». O encontro com «alguém mais pequeno», curioso acerca de tais coisas, permite-lhe, finalmente, compreender a necessidade de «reaver» o seu coração, sendo as suas múltiplas tentativas para o retirar da garrafa oportunidades renovadas de aproximação aos leitores, face aos detalhes facultados (uso de um martelo, de um serrote, etc.).

Mas apenas quando a garrafa rebola «até ao mar», saltando habilmente da página anterior, de forma a dar continuidade a tal movimento, até aos pés de uma menina, «O coração voltou ao sítio de onde tinha saído», possibilitando recuperar o acolhimento da cadeira a partir da qual tinham germinado reencantamentos. A dupla página acomoda-os

no final da narrativa, quando a menina, que cresceu, toma o lugar da figura masculina (cuja fotografia discretamente repousa na mesinha, ao seu lado) em tal cadeira predileta. Assim se renovam os laços que (re) unem as leituras de mundos no coração, muito bem ilustradas numa dupla vinheta em que, com múltiplos detalhes, e doce morosidade, se vão desdobrando, de forma multifacetada, exigindo cuidado e cuidando dos leitores. E o sorriso regressa.

3. Considerações finais

Nos dois livros-álbum, que atentamente percorremos na breve síntese realizada, a ilustração emergiu tendo como a função maior o acolhimento, resguardando os leitores enquanto, de forma delicada, lhes possibilita conviver com a perda de um ente querido. Assim, a ilustração, articulando-se harmoniosamente com o texto, autoriza e sustenta a expansão de afetos que hoje, por vezes, pode estar ausente do quotidiano das crianças, envolvendo-as em cuidado e permitindo-lhes, livremente, sonhar.

Os peritextos contribuem também para o incremento da fruição na leitura, possibilitando formas adicionais de compreensão dos múltiplos sentidos do texto, acompanhando-o, de modo a alimentar cumplicidades e a multiplicar sonhos, quer o ponto de partida seja uma avó belamente adormecida ou um coração precariamente resguardado numa garrafa.

De destacar, igualmente, o papel fundamental dos peritextos no que se refere à compreensão plurívoca da ilustração, pelo modo permitido amparar, ampliar e paulatinamente guiar os leitores pelos percursos da perda/morte, introduzindo-os e retratando-os com a atenção exigida. Se, caminhando ousadamente a par com Costa (2017), acreditarmos que «Há pessoas que amam / com os dedos todos sobre a mesa» [25], podemos entender que há ilustrações plasmadas de generosidade que respiram, a par, na dupla página (com os leitores) – «E é então que o cuidado / se torna um outro cuidado, / e é então que cuidar quer dizer / proteger, guardar, unir» [26].

Nos itinerários de leitura aqui traçados, importa ainda sublinhar o papel de quem medeia a leitura, face aos desafios diversificados e estimulantes que os livros-álbum colocam, papel que se exige ser sustentado, em contexto escolar, por uma formação que possibilite aos profissionais da Educação conhecer, de modo aprofundado, tais obras, abrindo caminhos aos acolhimentos que estas podem proporcionar.

Em suma, concluímos que se o cuidado ecoa, de forma particularmente bela, no domicílio em que a ilustração se institui, tal deve-se aos múltiplos pactos de leitura que esta promove, de forma multifacetada, numa aliança inusitada com a narrativa. «Pois que ouvir com o olhar é o engenho maior» [27].

4. Referências bibliográficas

- [1] Sotto-Mayor, G. *Ilustração de Livros de LIJ em Portugal na Primeira Década do Século XXI: Caracterização, Tipificação e Tendências*. Porto, Tropelias & Companhia (2016).
- [2] Sebastián, R. G. *Manual de Literatura Infantil y Educación Literaria*. Santander, Editorial de la Universidad de Cantabria (2016).
- [3] Leal, T., Gamelas, A. M., Peixoto, C & Cadima, J. «Linguagem e Literacia Emergente. Propostas de Intervenção em Jardim de Infância». In F. I. Viana, I. Ribeiro e A. Baptista (Coord.). *Ler para Ser. Os Caminhos Antes, Durante e... Depois de Aprender a Ler*. Coimbra, Almedina, pp. 175-205 (2014).
- [4] Silva, S. R. da «A Escrita e a Ilustração para a Infância de Leonor Praça: um Exemplo do que as Imagens Podem Fazer» in *Impossibilia. Revista Internacional de Estudos Literários*. N.º 14, 2017, pp. 213-238 – disponível em <http://ojs.impossibilia.org/index.php/impossibilia/article/view/198> (consultado no dia 31/01/2018).
- [5] Sotto-Mayor, G. *Ilustração de livros de LIJ em Portugal na primeira década do século XXI: caracterização, tipificação e tendências*. Porto, Tropelias & Companhia (2016).
- [6] Ramos, A. M. *Literatura para a Infância e Ilustração. Leituras em Diálogo*. Porto, Tropelias & Companhia (2010).
- [7] Colomer, T. *Siete Llaves para Valorar las Historias Infantiles*. Madrid, Fundación Germán Sánchez Ruipérez (2005).
- [8] Ramos, A. M. *Literatura para a Infância e Ilustração. Leituras em Diálogo*. Porto, Tropelias & Companhia (2010).
- [9] Nodelman, P. *Words about Pictures. The Narrative Art of Children's Picture Books*. Georgia, University of Georgia Press (1988).
- [10] Nodelman, P. «Words Claimed. Picturebook Narratives and the Project of Children's Literature». In T. Colomer, B. Kümmerling-Meibauer e C. Silva-Díaz (Eds.). *New Directions in Picturebook Research*. London and New-York, Routledge, pp. 11-26 (2010).
- [11] Lewis, D. *Reading Contemporary Picturebooks: Picturing Text*. New-York, Routledge/Falmer (2001).
- [12] Sipe, L. R. «Revisiting the Relationships between Text and Pictures» in *Children's Literature and Education*, Vol. 43, N.º 1, March 2012, pp. 4-21 – disponível em <https://link.springer.com/article/10.1007%2Fs10583-011-9153-0> (consultado no dia 22/05/2018).
- [13] Rodríguez, F. V. «Elementos para una lectura del libro álbum in *Enunciación*, Vol. 19, N.º 2, Julho-Dezembro de 2014, pp. 333-345 – disponível em <https://revistas.udistrital.edu.co/ojs/index.php/enunc/article/view/8255/10077> (consultado no dia 12/01/2018).
- [14] Pascolati, S. «Ilustração na Literatura Infantil» in *Acta Scientiarum, Language and Culture*. Vol. 39, N.º 3, Julho-Setembro de 2017, pp. 245-253 – disponível em <http://dx.doi.org/10.4025/actascilangcult.v39i3.35642> (consultado no dia 05/02/2018).
- [15] Nicolajeva, M. & Scott, C. *How Picturebooks Work*. London and New-York, Routledge (2006).
- [16] Salisbury, M. & Styles, M. *Children's Picturebooks: the Art of Visual Storytelling*. London, Laurence King Publishing (2012).
- [17] Parmegianni, R. *A Avó Adormecida*. Ilustrações de João Vaz de Carvalho. Matosinhos, Kalandraka (2015).
- [18] Jeffers, O. *O Coração e a Garrafa*. Tradução de Rui Lopes. Lisboa, Orfeu Negro (2010).
- [19] Parmegianni, R. *A Avó Adormecida*. Ilustrações de João Vaz de Carvalho. Matosinhos, Kalandraka (2015).
- [20] Ondjaki *Há Prendisajens com o Xão*, 3.ª edição. Lisboa, Caminho (2009).
- [21] Jeffers, O. *O Coração e a Garrafa*. Tradução de Rui Lopes. Lisboa, Orfeu Negro (2010).
- [22] Couto, M. *E Se Obama Fosse Africano? Interintervensões*. Lisboa, Editorial Caminho (2009).

- [23] Mendelsund, P. *O Que Vemos Quando Lemos*. Amadora, Elsinore (2015).
- [24] Ondjaki *Uma Escuridão Bonita*, 3.^a edição. Ilustrações de António Jorge Gonçalves. Lisboa, Caminho (2013).
- [25] Costa, R. *Mike Tyson para Principiantes*. Porto, Assírio & Alvim (2017).
- [26] Amaral, A. L. *Como Tu*. Ilustrações de Elsa Navarro. Vila do Conde, Booklândia (2012).
- [27] Shakespeare, W. *31 Sonetos*. Tradução e Introdução de Ana Luísa Amaral. Lisboa, Relógio D'Água Editores (2015).